

Prevenção será prioridade de secretário

Epitácio Pessoa/AE

José da Silva Guedes assume Secretaria Estadual de Saúde com planos de equipar a rede de ambulatórios para detectar doenças em estágio inicial; ele pretende ainda recuperar hospitais, em vez de lançar obras novas

José da Silva Guedes, 58 anos, assumiu a Secretaria Estadual de Saúde com o aval de médicos e técnicos que o conhecem de administrações passadas. Coordenador do grupo que definiu as metas na saúde para o governo Mario Covas, ele quer investir em prevenção, equipando a rede de ambulatórios para atender a maioria da população com sintomas iniciais de doença. "Elas terão acesso ao medicamento fornecido a custo 40% mais baixo", promete Guedes, que indi-

cou um especialista da Fundação Getúlio Vargas, Haroldo Giacometti, para dirigir e tornar produtiva a Fundação para o Remédio Popular (Furp), o laboratório oficial do Estado. Ex-secretário municipal da Saúde (83-85), ex-presidente do Inamps (92) e assessor de gabinete da secretaria que agora assume em três diferentes gestões, ele detalhou à repórter Stella Galvão os planos de recuperar hospitais e não lançar novas obras. A secretaria terá R\$ 1,6 bilhão, ou 7,5% do orçamento do Estado, a mesma participação de 94.

Estado — A crise na área da saúde em São Paulo é grave e crônica. O sr. está convencido de que ações de prevenção são a saída?

Guedes — Vamos dar ênfase à prevenção sem descuidar da recuperação de pessoas doentes. O sistema de saúde tem de se responsabilizar por uma série de doenças agudas pa-

ra as quais não há prevenção e tem de enfrentar as crônicas. A prevenção evita que pessoas adoçam, mas não elimina um conjunto enorme de doenças que requerem um sistema de saúde capaz de oferecer diagnóstico, tratamento e reabilitação.

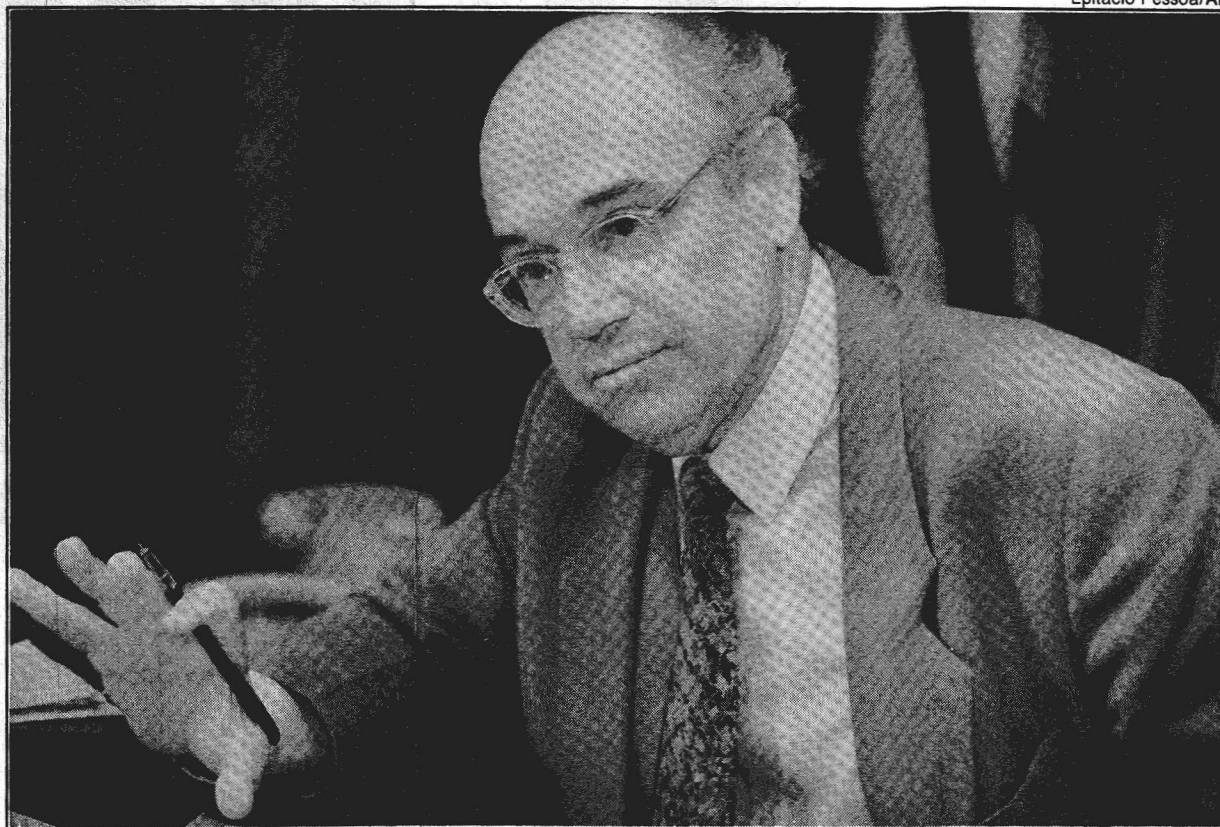
Estado — Como seria feita essa prevenção?

Guedes — Para tratar precocemente uma doença é necessário que o sistema de saúde esteja funcionando, que o ambulatório atenda, colha material, o laboratório analise o exame e dê o diagnóstico, e que o doente seja encaminhado a um hospital se necessário.

PROBLEMA É SABER SE EXISTEM RECURSOS

Estado — O grupo de saúde que o sr. coordenou apontou 23 hospitais com obras paralisadas no Estado. De onde virão os recursos para concluí-los?

Guedes — Esses hospitais têm capacidade para 4 mil leitos e 17 deles estão localizados na Grande São Paulo. O governador encaminhou ao grupo encarregado do orçamento federal um pedido de emendas para concluir algumas obras, incluindo 13 desses hospitais, ao custo de R\$ 160 milhões. A comissão de orçamento acolheu 9 dos 13 que foram solicitados. O grande problema será saber se existe esse recurso disponível. Mesmo aprovada a emenda, o Executivo só autoriza o gasto se houver recursos. O Estado não tem dinheiro para fazer investimentos este ano.



José da Silva Guedes: doentes poderão ter direito a medicamentos a um custo 40% mais baixo

Estado — O sr. tem algum plano de recuperação para os hospitais?

Guedes — Queremos ativá-los plenamente. Vamos nos empenhar. O Emílio Ribas, por exemplo, tem cerca de 150 leitos ativados, mas poderia ter 300.

Estado — Há algo que possa ser feito a curto prazo para melhorar a assistência à saúde?

Guedes — Aquilo que dependa de organização. Esperamos desenca-

dear o Programa Integrado de Saúde na Grande São Paulo, onde há 39 municípios. Com exceção da Capital, nos demais foi feita a chamada municipalização da saúde. Mas falta o atendimento especializado. A idéia é coordenar os municípios da área metropolitana e o trabalho de dez grandes hospitais da Cidade para racionalizar o atendimento de emergência.

EMÍLIO RIBAS PODERIA TER 300 LEITOS ATIVADOS

Estado — Como garantir o acesso ao remédio?

Guedes — Isso pode ser feito com muito pouco dinheiro da própria secretaria. A Fundação para o Remédio Popular (Furp) tem padrão de multinacional e linha de produção importante, mas nos últimos anos em vez de produzir maciçamente, intermediou a compra de medicamentos para transferir a municípios. A Furp tem uma linha bastante diversificada e poderia reduzir o número de itens para produzir mais medicamentos essenciais aos municípios, às Santas Casas, e a um custo 40% mais barato do que o preço da rede privada. Para fazer a Furp voltar a funcionar, está sendo nomeado um superintendente, o professor de administração da FGV Haroldo Giacometti.